



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

“MORRI PARA VIVER” Corpo, subjetividade e hidrogel no cenário midiático contemporâneo¹

Amanda OVANDO²

Escola Superior de Propaganda e Marketing

Resumo

Partindo das discussões sobre corpo, subjetividade e cultura do consumo, o presente trabalho propõe uma reflexão acerca da autobiografia da ex-modelo e ex-garota de programa, Andressa Urach. Tendo alcançado patamares bastante representativos de vendas, e notícia em veículos internacionais como o *The New York Times*, seus relatos sobre a busca pela otimização do corpo por meio de injeções de hidrogel transformou-se em uma narrativa de sucesso midiático, evidenciando a aderência do pensamento “*self* empreendedor” em uma cultura de performance na qual a literatura de auto-ajuda torna-se um *locus* privilegiado para novos engendramentos subjetivos. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa vale-se tanto de uma análise documental do livro publicado por Andressa Urach, “Morri para Viver”, como de revisão bibliográfica de autores como Foucault, Rose, Bauman, Sibilia, Freire-Filho.

Palavras-chave: Comunicação; consumo; corpo, subjetividade, autobiografia, Andressa Urach.

Ao longo dos séculos, diferentes sociedades elegeram o corpo como um *locus* privilegiado para se pensar a experiência subjetiva. Para além de sua organicidade, e obviedade, física, o corpo passou a ser reconhecido como um “lugar” da cultura, onde uma série de valores, ideias e expectativas se desdobram, atingindo camadas profundas da existência.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 9 - Comunicação, Discursos da Diferença e Biopolíticas do Consumo, do 2º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado dia 14 de outubro de 2016.

² Graduanda do curso de Comunicação Social com habilitação em Propaganda e Marketing da Escola Superior de Propaganda e Marketing - São Paulo, e-mail: ovando.amanda@gmail.com



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

Nesse artigo, pretendemos problematizar os significados que atravessam o corpo do sujeito contemporâneo, marcado pelas intervenções estéticas que convocam novas formas de cuidado de si. Para Jean Baudrillard (1995), na sociedade capitalista o estatuto do corpo é uma expressão de cultura e a ele se aplica o princípio da propriedade privada.

Essa mesma ideia também é trabalhada por Rose (2011) que apresenta o corpo como uma forma de empreendimento sobre o qual deve-se investir a todo tempo, seja em termos físicos, psicológicos ou mesmo econômicos. Essa dimensão de responsabilidade sob o corpo, todavia, é algo relativamente recente.

Em Tempo Líquido, Bauman (2007) nos lembra que em outras épocas a doença e a morte eram comumente associadas ao pecado e sentimento de culpa. Nessa ótica, o que acontecia com os indivíduos era resultado de uma vontade divina.

Hoje, por outro lado, essa responsabilidade teria sido transferida para cada um de nós, reforçando a questão da forte “autonomia” e “liberdade” observada por Nikolas Rose (2011). Agora, “não é Deus que castiga, é o próprio corpo” (2011, p. 149), sendo este último um patrimônio, uma propriedade que precisa ser adequadamente administrada.

Assim, aquele que não tem saúde, independentemente dos múltiplos sentidos que esta afirmação pode assumir, é também aquele que não foi capaz de “assumir” as responsabilidades dos cuidados de si. O *self* empreendedor é pautado na autodireção, no autocontrole da existência social por meio de escolhas. A luta por satisfação, excelência e realização sempre na maior medida. Bauman (2008) acrescenta a essa luta a preocupação com a vendabilidade, ou seja, obter/desenvolver qualidades para as quais exista uma demanda de mercado. Nessa perspectiva, para além da satisfação de “necessidades, desejos e vontades”, atualmente os membros da sociedade de consumo são eles próprios mercadorias de consumo, e é justamente tal fato que os torna autenticamente membros dessa sociedade.



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

As leis de mercado se aplicam de maneira equivalente às “coisas escolhidas e aos selecionadores” (BAUMAN, 2008), uma vez que os integrantes da Sociedade do Consumo são eles mesmo mercadorias dotadas de valor. Assim o medo eminente é da inadequação ou perda de valor. Os mercados de consumo tiram proveito dessa insegurança, produzindo bens de consumo que se prontificam a guiar e auxiliar seus clientes diante do desafio da “autofabricação”. Dessa forma o “eu” se mostra cada vez mais flexível no que diz respeito a sua identidade.

O corpo continua correspondendo a uma figura socialmente construída onde a cultura é processada e orientada, porém com tantos incrementos na esfera da identidade o “corpo físico vem se tornando obsoleto e necessita *upgrades*” (SIBILIA, 2002, p. 13).

Simultaneamente há outro “fenômeno” que partilha das características do *self* empreendedor: a autoajuda. Essa “técnica” consiste em ofertar uma “solução” para um problema por meio de profissionais, ou mesmo relatos de sujeitos comuns que, por algum motivo, conhecem a saída para eventuais encruzilhadas. Com isso,

(...) indivíduos contemporâneos são incitados a viver como se fossem projetos: eles devem trabalhar seu mundo emocional, seus arranjos domésticos e conjugais, suas relações com o emprego e suas técnicas de prazer sexual; devem desenvolver um ‘estilo’ de vida que maximizará o valor de suas existências para eles mesmos. (ROSE, 2011, p. 218).

Rose (2011) chama esses indivíduos característicos das democracias liberais avançadas de “engenheiros da alma humana” por tentarem desenhar cartesianamente seus destinos. Todos os árduos esforços supracitados decorrem, portanto, de um ideal rascunhado pela sociedade que pressupõe determinadas características para se alcançar a tão sonhada felicidade e autorrealização. Felicidade esta, que está sedimentada em nossa convicção pós-moderna como um direito inalienável, se não uma óbvia obrigação.



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

Assim como observamos o deslocamento da culpa e do controle, que atualmente recaem sobre o indivíduo, ocorre o mesmo com a felicidade. Afinal, ter sucesso, na sociedade contemporânea, não é questão de sorte, destino ou recompensa, mas sim resultado do esforço único, individual, pessoal e acima de tudo, intransferível. (BAUMAN, 2008)

Esse projeto de engenharia individual consiste na combinação de várias disciplinas, e vai desde a reprogramação da mente, turbinagem do cérebro, retoque da aparência, enfim, tudo que for a favor da potencialização da performance do indivíduo.

Influenciado por teorias que preconizam a possibilidade de infinita expansão da mente e do corpo em direção à perfeição, o sujeito caminhou ignorando seus próprios limites. De fato, os sacrifícios e imolações, comuns em diferentes espécies de culto, tornaram-se presentes na experiência contemporânea. Tudo isso acabou por justificar medidas drásticas a ponto de colocar em risco a própria integridade física.

O fenômeno da autoajuda preconiza convicções no sentido de “querer é poder” e possibilidades de “trabalhar o *self*” são exemplos de psicologia positiva aplicada num cenário amplo, onde a cultura terapêutica ganha espaço proporcionando uma “sensação manipulável de bem-estar”.

Freire Filho (2010) afirma que uma vez que se relaciona diretamente a espetacularização, esse corpo “sarado” atrai para si uma vontade mimética, uma valorização estética e uma capitalização muscular que transformam o corpo numa fonte constante de inquietações e desgostos.

A inadequação da condição orgânica aos padrões estabelecidos pela moral da boa forma implicam em processos de punição e sofrimento, sacrifícios e imolações que se mascaram sob o pretexto de aperfeiçoamento ou otimização, como descrito anteriormente. Tais esforços de modelagem acabam se tornando epidemias, por vezes fatais.



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

Os distúrbios alimentados pela obsessão corporal como anorexia, bulimia, vigorexia, ortorexia, tanorexia e lipofobia, por sua vez, não param de se multiplicar, à medida em que novos contornos epidérmico são desejados. Dessa maneira, em consequência da plasticidade moral citada anteriormente, nossa sociedade paradoxalmente teme a fome na mesma medida que demoniza a gordura.

O processo de reificação que o corpo vem sofrendo, viabilizando o redesenho das condições orgânicas, tanto na esfera anatômica quanto biológica transforma o corpo num objeto de *design*. Porém há algo tão delicado quanto os contornos epidérmicos: a velhice.

Tudo conduz inexoravelmente ao envelhecimento. Paula Sibilia no livro *Ser Feliz Hoje* (2010, p. 204) infere em seu livro que “a própria condição de estar vivo já é uma desvantagem”, sendo este o preço que pagamos por um “lastro demasiadamente carnal”. O pavor da velhice é sintomático numa sociedade em que ao longo dos anos retirou toda a conotação positiva da idade avançada, ao passo que o ser humano nunca viveu por tantos anos e teve tão poucos filhos. Ou seja, em breve teremos mais idosos que qualquer outra faixa etária, todos eles estigmatizados com o que há de pior.

Nessa sociedade espetacularizada a silhueta é desenhada para consumo bidimensional, respeitando as regras da moral e da boa forma. Com isso, o privilégio de ostentar tal contorno será sinônimo de competência e, acima de tudo, felicidade.

Por meio do consumo desenfreado e ilimitado de bens e serviços, os indivíduos exprimem, cultivam e alimentam seu desejo de insaciabilidade, resultado dos imperativos de consumo e gozo constante. Assim, pequenas doses de indulgência material parecem capazes de um grande feito.

Intervenções corporais e seus relatos midiáticos



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

Essa valorização de determinados “moldes” humanos, consumidos como imagens, favoreceu a ascensão de “celebridades” partir do conceito de “projeção” e “identificação” cunhado por Morin (1977). Acompanhar a vida de indivíduos, em especial assistindo seus sucessos e derrotas é uma tarefa mais simples que suportar nossas próprias dores e sofrimentos.

Debaixo desse holofote residem dois fatores, que apesar de opostos emergem simultaneamente do mesmo objeto: a admiração e a crítica, uma vez que as celebridades acolhem nossas projeções, são depósitos provisórios de nossas angústias, mas ao mesmo tempo servem de compensação.

Segundo Phillipe Lejeune, crítico literário, o gênero autobiográfico consiste no que ele chama de “pacto de leitura” (1975) a convergência do autor, do narrador e do protagonista na mesma pessoa. Esse estilo de narrativa confere um tom confessional, recaindo em um outro regime de veracidade, suscitando outra gama de expectativas.

Todo discurso (até o monólogo) é polifônico, toda comunicação requer a existência do outro, do não-eu, do mundo alheio, da alteridade, pois todo relato está inserido em um tecido intertextual “impregnado de vozes e presenças” (SIBILIA, 2002, p. 33).

A percepção particular de um relato autobiográfico, decorre das palavras e fatos não só terem testemunhado os ocorridos, mas também ajudarem na organização das ideias e concedendo realidade à experiência.

No que diz respeito ao gênero que funde vida e obra existe mais uma indagação de natureza moral: o que é público e o que é privado?

A diferença do gênero narrativo para o informativo é que o segundo impele necessariamente que o conteúdo seja plausível, verossímil e verificável, caso contrário trata-se de fraude, enquanto a narrativa permite uma amplitude performática, uma licença poética para transitar ou não pelo factual.



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

A autobiografia permite a criação de um personagem real ficcionalizado, por meio da exibição da personalidade, da exposição da intimidade e o deslocamento do eixo da subjetividade moderna, ocorre esse fenômeno de abandono do lócus interior resultando na exteriorização do eu. Com o auxílio de ferramentas para a criação de *si*, o gênero autobiográfico é um espaço saturado do *eu*, onde observamos o deslocamento da narrativa intradirigida para a alterdirigida.

Em função dessa liberdade performática que se tem quando se é autor, personagem e narrador é possível trabalhar a imagem pessoal administrando por meio das “habilidades de autovendagem” o valor de troca atrelado à narrativa. Essa personalidade alterdirigida protagonista na sociedade espetacularizada se torna um capital, cotação do eu, segundo Sibilia (2008).

O fenômeno da diminuição de leitores e aumento de autores no século XXI reforça que a obra, apesar de importante, adquiriu magnitude de segunda ordem. Com o avanço no acesso aos meios digitais, atualmente todos podem produzir conteúdo narrativo alterdirigido, e muitos o acabam fazendo. Familiarizados às regras da sociedade do espetáculo, eles enfeitam e recriam o próprio *eu*, com sentimento de apropriação herdado do homem moderno que se vingava da alienação da cidade industrial do século precedente.

O fascínio suscitado pelo conjunto complementar voyeurismo e exibicionismo, encontra terreno fértil numa sociedade que precisa “*ver sua bela imagem refletida no olhar alheio para ser*”

Morri para Viver é um relato que carrega a veracidade narrativa de uma autobiografia, e mais que um testemunho, é uma confissão.

O Corpo hidrogenado e seus ensinamentos de resiliência

Andressa Urach é uma ex-modelo e ex-garota de programa que ao longo de 28 anos de perseguição ao estrelato acumulou algumas centenas de relatos a respeito do



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

“submundo da fama, drogas e prostituição”. Apesar de uma infância humilde, Andressa sinaliza em seu livro uma constante obsessão pelo “sucesso e dinheiro”. Após conquistar considerável popularidade nacional e destaque graças às suas curvas - e alguns episódios de polêmica e impudor³ – acabou em evidência na mídia mundial em função de uma intervenção cirúrgica que quase a levou à morte.

Nas entrevistas, minhas declarações tinham de ser voltadas à baixaria ou a brigas e barracos para fabricar polêmicas. Lavar roupa suja em público sempre deu certo. Inventava romances, lésbicos ou não, e pagava os fotógrafos para registrar momentos de intimidade. (URACH, 2015, p. 173)

Após essa experiência traumática de “quase morte”, como ela própria descreve, Andressa decidiu escrever numa autobiografia “reveladora”, na qual pretendia narrar os “bastidores” do “antes, durante e depois do sucesso”, até o momento atual, quando ela modificou sua vida em busca de “redenção”.

Seu livro, lançado em 2015, rapidamente alcançou o título de mais vendido do país e por alguns meses performou no topo do *ranking* na categoria de não ficção⁴.

Desde o primeiro capítulo os relatos de Andressa perpassam questões de ordem corporal, sua obsessão vinha de longa data, bem como refletiam como o culto ao corpo trazia prazerosas sensações ligadas ao "gozo na condição encarnada" (FREIRE FILHO, 2010, p.200), chegando ao estágio assombroso de realizar 1 intervenção cirúrgica a cada 3 meses durante 4 anos. Esse imperativo moral da boa

³ Destacamos aqui os episódios do assalto forjado de sua fantasia carnavalesca e o romance inventado com outra participante do concurso de miss bumbum (página 173 de sua autobiografia), *Morri para Viver*, 2015.

⁴ *In*:

<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/09/andressa-urach-festeja-biografia-no-topo-da-lista-dos-livros-mais-vendidos.html>, acesso em maio/2016.



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

forma ao qual ela se dizia submissa (e obcecada) é apontado a todo instante como fonte constante de inquietação e desgosto. O medo de envelhecer, de não ser “esbelta”, “curvilínea”, “feminina”, “sensual” e principalmente “cobiçada” era relatado como um fantasma aterrorizante, algo que implicaria no distanciamento do seu objetivo principal: dinheiro e fama.

Esse modelo social alimentado pela insatisfação e ansiedade demandam do sujeito o comportamento pautado na autonomização, citada anteriormente por Rose (2001). Andressa não contava com sorte ou destino, ela era responsável pelo sucesso e pelo fracasso, sendo assim, para minimizar os riscos de falha, comprometia-se com uma otimização do corpo, em níveis extremos, característicos do hedonismo e da cultura de consumo.

Assim como sua ascensão, sua queda, sua redenção e a posterior narração de todos os acontecimentos, só haveriam de caber a ela própria, dentro dessa lógica individualista autonômica.

Ao longo de toda a autobiografia o relato mais recorrente é o de insatisfação. A cada objetivo alcançado, desejo realizado, Andressa almejava mais. Mais cirurgias, mais medidas, mais dinheiro, mais fama, mais fotos, mais homens e essa efemeridade acompanha toda sua trajetória colecionando cumulativamente vivências, prazeres e bens de consumo, traçando o perfil do o que Freire Filho chamou de “Taylorização da Subjetividade”.

Da fama decorrem os sentimentos de admiração e crítica. Andressa se consagrou graças a diversos episódios polêmicos que, independentemente de



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

despertaram admiração ou crítica do público, podem ser considerados estratégias bem calculadas, dignas de um *self* empreendedor, de quem uma das maiores preocupações é se manter no campo da visibilidade.

Meu objetivo era ser famosa a qualquer preço. Engolida por esse tsunami de euforia e engano, cheguei ao cúmulo de quase expor meu filho, então com apenas sete anos. Ele estava prestes a realizar uma simples cirurgia de fimose – retirada da pele que recobre a glândula do órgão genital masculino – com o meu cirurgião plástico quando tive a ideia de divulgar uma nota na imprensa sobre a operação.

- Você é maluca? É do seu filho que estamos falando! – exclamou, irritado, o médico Júlio Vedovato. (URACH, 2015, p. 173)

Fica claro no decorrer do livro que as coisas não aconteciam por acaso, ela habilmente compreendia as dinâmicas, desde o bordel até o *reality show*, passando pelos concursos de beleza, para tirar o maior proveito das situações. Um conjunto de fatores os quais ela maximizou o aproveitamento: seu corpo sempre explorado no limite, os lugares que frequentava sempre pensando nos potenciais de ascensão, as pessoas com quem se envolvia, as situações que provocava para atrair atenção para si. Enfim, tudo devidamente arquitetado e investido aguardando o retorno dos recursos investidos.

Assim como cada conjuntura na vida de Andressa se mostrava uma investida em busca dos seus propósitos magnos, de conquistar fama e dinheiro acima de tudo, sua narrativa segue de forma semelhante. O ato de confessar tem como objetivo a redenção, e quanto mais detalhadamente, mais minuciosamente ela narra sua trajetória, mais ela se coloca como despudorada, mais indigna e sofrida, maior se torna a diferença de integridade da protagonista perante o Antes e Depois da "morte" e mais merecida se torna sua absolução. Assim como uma heroína mítica, o



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

sofrimento está relacionado a superação, o que faz de Urach uma vencedora por vivenciar tudo o que ela relata. Porém, sua trajetória não teria validade alguma se ela apenas carregasse consigo, não relatando publicamente. Não haveria o chancelamento, pelo público, de sua trajetória como vitoriosa, não haveria o confronto do exibicionismo com o voyeurismo de uma sociedade que precisa “*ver sua bela imagem refletida no olhar alheio para ser*”. (SIBILIA, 2008, p. 256).

No carnaval de São Paulo de 2013, houve uma situação armada em nome da fama. Primeiro, inventei que assaltantes haviam roubado minha fantasia da escola de samba Tom Maior, agremiação pela qual desfilaria, e, por isso, surgi no Sambódromo do Anhembi com os seios completamente à mostra (...) Foi um bate-boca só. Acabamos hostilizados em meio a tanta gritaria. Tudo exibido ao vivo pela TV Globo, emissora brasileira que detém os direitos exclusivos de transmissão do carnaval. Por fim, não desfilei e passamos a madrugada registrando boletim de ocorrência por injúria e ameaça. Meu objetivo era ser famosa a qualquer preço. (URACH, 2015, p.181)

Graças aos milhões de exemplares⁵ vendidos, sua história, da qual ela é autora, narradora e protagonista, se concretizou e eternizou. A Vida e/ou Obra de Andressa Urach está à venda nas prateleiras para quem quiser consumir esse material que não distingue o que é de esfera pública e o que é privado.

Cada trecho de seu livro está inserido num tecido intertextual impregnado de vozes e presenças alheias; cada sentença foi escrita posteriormente ao acontecimento real, permitindo uma reorganização, ressubjetivação e melhoria, sendo assim, jamais poderá ser considerado um conteúdo de caráter informativo, que pressupõe a possibilidade de se aferir o teor, sendo: plausível, verossímil e verificável.

5

In: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/terrace-paulistano/2015/09/andressa-urach-sucesso-venda-livros/>, acesso em maio/2016



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

Fiz muitos programas de luxo ao longo do tempo de convívio no reduto das celebridades. Não vou citar cada um dos nomes dos homens que passaram pela minha vida porque não me sinto no direito de expor a privacidade de ninguém (...) Mas a lista de clientes é extensa: cantores famosos, apresentadores de televisão, modelos, médiuns, bicheiros, donos de escolas de samba, publicitários e empresários da alta sociedade, artistas de novela e jogadores de futebol conhecidos no Brasil e no mundo.(URACH, 2015, p. 179)

Andressa Urach vivenciou essas façanhas narradas. Suas vitórias e derrotas estão gravadas em sua existência, nada que aconteça apagará plenamente esses vestígios de sua memória (ou de sua pele). Então escrever um livro recai precisamente numa ferramenta de criação de si por meio de uma narrativa alterdirigida.

Andressa se aproveitou da oportunidade gerada pelo modelo vigente de sociedade líquida para se recriar, e nesse "mercado de personalidades" ela de fato "renasceu". Ela fez uso do capital midiático acumulado ao longo dos anos de espetacularização para conquistar público para seu novo "eu". Urach nos diz que antes do incidente com hidrogel ela era completamente dependente e obcecada pela fama, entretanto, podemos observar uma mudança completa de personalidade que não afetou esse aspecto midiático.

Ela continua um produto de igual, ou até maior audiência, uma vez que cooptou para si uma turba evangélica. Essa habilidade de autovendagem se mostra como uma constante na história de Andressa, corroborando o pensamento de que a obra é importante, porém de segunda ordem numa sociedade do espetáculo.

Essa auto-exposição, intensamente depreciativa que ela faz na biografia nada mais é que uma compensação diametral: ela se faz enxergar extremamente devassa, degradada, voluptuosa, desonrada, aviltada, corrupta e amoral para se fazer o oposto de tudo isso num segundo momento, um exemplo de idoneidade, austeridade, decência e recato. Seu relato poderia ter início no dia em que decidiu reorientar sua vida com base em princípios cristãos, porém sem essa distância criada e enfatizada



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

pela narrativa que contrasta o antes e o depois, sua cotação do *eu* no "mercado de personalidades" perderia capital e força.

Essa "opção" de compartilhar massivamente sua história com o grande público é a potencialização do consumo do *eu*. O mesmo relato de sua trajetória que ela poderia fazer para um seleto grupo de amigos ela o fez para toda a massa global que demonstrar interesse. Diante de um discurso alterdirigido, muda-se somente a proporção, porém não se deixa de ser um consumo bidimensional imagético. Pode-se dizer que nesse aspecto a *ex-modelo* continua sendo consumida pelo público, de maneira distinta, porém, não deixou de ser fetichizada e consumida, mostrando que numa sociedade do espetáculo a obra assume papel de segunda ordem.

A narrativa de Andressa nos evidencia e ilustra de uma maneira amarga e dolorosa (com um final feliz, dependendo da perspectiva) como os indivíduos buscam incessavelmente a otimização do corpo (eventualmente até colocando suas vidas em risco); como as existências são submetidas a cálculos para aumentar as oportunidades de sucesso e êxito; como uma narrativa atualmente carrega um forte discurso alterdirigido; e como diante de tantas cotações do sujeito é possível se reinventar.

“Tornar-se outra pessoa é a nova redenção/salvação, podemos constantemente recomeçar do zero e nos reconstruir de maneira que desejarmos.”

Assim que deixei o hospital, pisei na Igreja Universal decidida a erguer um antes e um depois definitivo para minha trajetória. Era preciso dar uma chance para Deus. Uma chance para mim mesma. (...) Gratidão também foi o que me fez aceitar o convite para relatar minha história em uma reunião especial de domingo no Templo de Salomão, em São Paulo. Mais de 20000 pessoas me ouviram falar durante quase uma hora. Na imensidão do Templo, nas fileiras de uma pequena Igreja ou sozinha no meu quarto, conversando com Deus, comecei a aprender o real sentido de existir. As peças foram se encaixando. Família, saúde, amor, trabalho, fé, felicidade. Os valores voltaram ao seu lugar. (...) Agora, sou condenada por adotar uma fé que me reergue a cada dia. Sou criticada por crer na Bíblia (...) Mas não importa. Hoje, pouco a pouco, construo um novo amanhã. (URACH, 2015, p. 218)



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

Considerações finais

Termos que antes se limitavam ao vocabulário financeiro, agora engendram o léxico antropológico. A sociedade espetacularizada, lastreada por imagens suscitou a *comoditização* dos corpos, transformando-os em produtos submetidos a uma política própria de cotação, acúmulo, aplicação, investimento e aquisição. Com o caso narrado pela célebre Andressa Urach em sua autobiografia foi possível identificar as sutilezas presentes nessa "economia viva", como o indivíduo sente necessidade de gerenciar sua vida, trazendo para si a responsabilidade da felicidade, do fracasso, da culpa e da salvação.

Essas questões são consubstanciadas pelo consumo bidimensional imagético da sociedade do espetáculo: o corpo se situa como ferramenta de câmbio nessas transações. É o corpo que permite o acúmulo, permutação e retribuição. Apesar de a moeda de troca residir numa esfera mais abstrata e subjetiva, sem o corpo para significar nada disso ocorreria.

Assim, a proposta de liquidez, elaborada por Bauman, alcança patamares em que a existência é efêmera e pode ser revisitada, repaginada, reproduzida, reconcebida, reinventada e rearquitetada a qualquer momento, dando origem a um novo indivíduo, diferente, inédito e original para integrar essa sociedade do espetáculo novamente.

A busca implacável que Andressa Urach no livro atribui à beleza e juventude, na realidade, se traduz por uma busca por acúmulo desse capital negociado na sociedade do espetáculo por meio de imagens bidimensionais emoldurados por silhuetas epidérmicas, que conferem influência, poder, fama, sucesso e riqueza para quem os possuir.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt, **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petropolis: Vozes, 2008.

FREIRE FILHO, João. **Ser Feliz Hoje**: Imperativo de Felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Portugal: Ed Biblioteca Universitária, 1970.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos Selves**: Psicologia, poder e subjetividade. Petropolis: Editora Vozes, 2011.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. **O show do eu** – A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

URACH, Andressa. **Morri para Viver**: Meu Submundo de Fama, Drogas e Prostituição. São Paulo, Planeta do Brasil, 2015.